

ECOSSISTEMA CULTURAL

Hildo Honório do Couto (Universidade de Brasília)

Resumo: O objetivo deste artigo é retomar as relações entre língua e cultura, mostrando que a primeira é parte da segunda e que ambas são parte de um ecossistema, ecossistema linguístico e ecossistema cultural, respectivamente. Pelo fato de também a cultura ser de natureza semiótica, segue-se que todos os seus componentes (materiais e imateriais) podem ser usados nos atos de interação comunicativa previstos pela parte da ecolinguística chamada de linguística ecossistêmica, que tem esse nome por ter o ecossistema biológico como ponto de partida para encarar os fenômenos da linguagem, da perspectiva da visão ecológica de mundo. Por fim, mostra que o conhecimento de pelo menos parte do ecossistema cultural é de fundamental importância na aprendizagem de segunda língua, a fim de não se cometerem gafes no país em que essa língua é falada.

Palavras-chave: Ecolinguística; Linguística Ecossistêmica; Ecossistema Linguístico; Ecossistema Cultural.

Abstract: The objective of this article is to take up the relationships between language and culture, showing that the former is part of the latter, and that both of them are part of an ecosystem, linguistic ecosystem and cultural ecosystem, respectively. In view of the fact that culture also has a semiotic character, it follows that its components (material and immaterial) may be used in the acts of communicative interaction that are part of the version of ecolinguistics called ecosystemic linguistics. This is so named because its starting point is biological ecosystem. For this reason, it gives us the tools for the study any language phenomena from the ecological point of view, a holistic view. Finally, it is claimed that a knowledge of at least part of the culture related to a second language one is going to learn is indispensable, in order not to make a faux pas when talking to locals.

Keywords: Ecolinguistics; Ecosystemic Linguistics; Linguistic Ecosystem; Cultural Ecosystem.

1. Introdução

Língua e cultura vêm sendo relacionadas desde final do século XIX. No início do século XX, começou-se a associar ambas a ecologia. Segundo Neves (1996), a antropologia ecológica começou com Leslie White (1900-1975), que restaurou o pensamento evolutivo na antropologia. Em seguida Julian Steward (1902-1972) introduziu o método da ecologia cultural a fim de "resgatar dentro da Antropologia o conceito de meio ambiente como fator gerador de cultura" (p. 34), contrariamente à ideia tradicional de que "cultura vem de cultura". Por fim, Andrew Vayda e Roy Rappaport opuseram a ecologia humana à ecologia cultural de Steward, introduzindo o conceito de ecossistema na antropologia, com enfoque na população.

Do lado linguístico, podemos citar Kenneth Lee Pike, entre outros, que têm uma visão ampla da língua, inserindo-a em um contexto antropológico maior, chegando mesmo a se aproximar do que hoje se chama de ecolinguística. Foi ele que propôs a distinção entre visão “ética” e “êmica”, dos fenômenos linguísticos e culturais, hoje moeda corrente entre antropólogos e outros cientistas sociais; para isso, ele partiu dos conceitos linguísticos de fonética e fonêmica, sendo esta o nome que o estruturalismo americano dava ao que na Europa era chamado de fonologia. A primeira (visão ética) é a perspectiva de quem está de fora, enquanto que a segunda (visão êmica) é a de quem está dentro e conhece a estrutura e o funcionamento da cultura. Infelizmente, porém, muitos antropólogos atuais vivem anos a fio junto a um grupo indígena, assimilam sua cultura, e sua língua, espera-se, mas não dão um exemplo sequer de dado linguístico. É como se a língua não fosse parte da cultura, e a mais importante.

Por esses e outros motivos, o objetivo deste artigo é apresentar uma visão ecológica, melhor, ecossistêmica de cultura e mostrar que ela engloba a língua. Veremos que há íntimas inter-relações entre língua e cultura, quando não pelo fato de a língua ser parte da cultura e, o que é mais, é também veículo de cultura. Veremos, outrossim, que, embora sendo mais ampla do que a língua, a cultura tem aproximadamente a mesma natureza que ela. Tanto que seus componentes fundamentais são os mesmos. A argumentação se desenvolverá na perspectiva da ecolinguística, mais especificamente, da linguística ecossistêmica. Assim sendo, faz-se necessário definir o ecossistema biológico e, em seguida, o ecossistema linguístico, a fim de mostrar as similitudes que há entre eles e o ecossistema cultural.

2. Ecossistema biológico

Os manuais de introdução à ecologia e à biologia (que engloba a ecologia) nos mostram que o conceito central da ecologia é o de ecossistema. Dizem também que ecossistema é o todo formado por uma população (P) de organismos vivos (animais ou vegetais), seu *habitat* (biótopo, meio, meio ambiente, território) (T) e as interações (I) que aí se dão. Os ecólogos biológicos acrescentam que o que interessa no ecossistema não são esses organismos nem seu *habitat* em si, mas as interações. Essas interações podem ser de dois tipos, sobretudo no caso dos animais, mas não só: (a) interação organismo-meio, (b) interação organismo-organismo. O ecossistema biológico pode ser representado como se vê na figura 1.

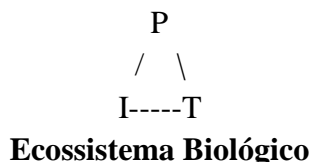


Fig. 1

Esse tripé deve ser lido assim: sempre que tivermos uma população de organismos (P) cujos membros convivam em seu *habitat* ou território (T) e interajam (I) entre si e com o meio, temos um ecossistema (biológico). O fato de a linha que liga I a T ser segmentada tem implicações que recuam ao signo de Charles Peirce. Vale dizer, a segmentação da

linha ressalta o fato de que não há relação direta entre I e T, pelo simples fato de I ser interação, não uma coisa: a relação entre os dois é sempre mediada por P. Em outras palavras, I são as interações de P em T. No ecossistema biológico isso parece não ter muita relevância. No entanto, no ecossistema linguístico apresentado na seção seguinte o fato é de fundamental importância.

Ainda na ecologia biológica, o ecossistema é delimitado pelo observador, como já dissera o criador do termo “ecossistema”, Arthur Tansley, exceto, talvez, os biomas. No caso dos ecossistemas em geral, o ecólogo pode delimitar todo o cerrado do Planalto Central, por exemplo, mas também uma pequena área dele, como um brejo, ou até uma pequena lagoa ou um tanque de peixinhos, como o ecossistema que vai investigar. O ecossistema chamado de bioma, ao contrário, além de em geral ser de grandes proporções, apresenta limites naturais de alguma forma. Por exemplo, os biomas tundra, taiga, floresta amazônica e mata atlântica estão na natureza independentemente de um observador que os delimite. São, portanto, ecossistemas de natureza um tanto diferente dos ecossistemas que o observador delimita no momento de sua investigação. Essas propriedades do ecossistema biológico têm consequências muito importantes para os estudos ecolinguísticos, uma vez que os dois tipos de ecossistema têm equivalentes linguísticos, ou seja, nos ecossistemas linguísticos, aos quais passo logo em seguida.

3. Ecossistema linguístico

A variante da ecolinguística chamada linguística ecossistêmica tem esse nome por partir do conceito central da ecologia geral ou macroecologia, o ecossistema. No **ecossistema linguístico** temos exatamente os mesmos componentes do ecossistema biológico, motivo pelo qual a linguística ecossistêmica é também conhecida como ecologia linguística. Tanto que sua definição de ecossistema linguístico é quase idêntica à de ecossistema cultural, ou seja, o primeiro é constituído de um povo (P), vivendo em seu território (T) e cujos membros interagem entre si pelo modo tradicional de interagir verbalmente, sua linguagem (L). Isso aponta para o fato de que estamos lidando com uma disciplina que está em pé de igualdade com a ecologia biológica (não é mais necessário ter medo de biologismo, pois a biologia é a ciência da vida), embora a macroecologia inclua também princípios da ecologia social (p. ex., ecologia humana, a ecologia social, a sociologia ambiental etc.) e da filosófica (como a ecologia profunda, proposta por Arne Naess). Vale dizer, não se usam mais conceitos da ecologia biológica apenas metaforicamente, transplantando-os para os estudos dos fenômenos da linguagem, ao modo de muitos ecolinguistas europeus. O linguista ecossistêmico é um ecólogo da linguagem, parte de dentro da ecologia para estudar fenômenos linguísticos.

As interações dos membros de P com o mundo (meio, território), ou seja, as interações ecológicas do tipo (a), constituem o que se chama de **referência**, ou significação. As interações entre membros de P entre si (interação pessoa-pessoa) são o que se chama de **comunicação**, ou **interação comunicativa**. Pelo fato de a língua ser constituída pelas interações centradas no verbal que se dão entre membros de P, ela não é definida como sendo um instrumento de comunicação. Ela é a própria comunicação, melhor, interação comunicativa. Isso vai frontalmente contra grande parte da tradição linguística ocidental.

Assim como a propriedade definidora do ecossistema biológico são as interações, não os organismos nem seu *habitat* em si, a propriedade central do ecossistema linguístico não é P nem T diretamente, mas as interações linguísticas, a comunicação, ou melhor, a interação comunicativa, que inclui a referência. A interação comunicativa, por sua vez, insere-se em uma **ecologia da interação comunicativa**. Sempre que dois membros da **comunidade linguística**, outro nome para ecossistema linguístico, se engajam em uma interação comunicativa produzem **atos de interação comunicativa** (AIC), cujo fluxo é chamado de diálogo ou **fluxo interlocucional**. Em cada AIC os interlocutores se comunicam referindo-se a algo exterior à linguagem, aspecto (a). Por outro lado, só se referem a algo comunicando-se, aspecto (b). Os dois aspectos da linguagem (comunicação e referência) estão inextricavelmente interligados por serem as duas faces da moeda linguística.

As interações pessoa-mundo (referência) podem ser encaradas de duas perspectivas. A primeira é a onomasiológica, que, como os dialetólogos do final do século XIX e começo do século XX diziam, parte da coisa e procura pela palavra que a designa. A segunda, semasiológica, é a perspectiva oposta: diante de uma palavra qualquer, procura pela coisa à qual ela se refere, ou às coisas a que ela se refere, pois as palavras podem ser polissêmicas. A ecolinguística tem mostrado que a palavra surge pelo primeiro processo (onomasiologia), mas, após formada, adquire uma relativa autonomia, podendo referir-se a outras coisas por processos como polissemia, metáfora, metonímia e muitos outros (semasiologia). Até mesmo as relações "estruturais" (**endoecologia linguística**) são encaradas como interações, como se pode ver em Couto (2016a).

O ecossistema linguístico tem sido representado como se vê na figura 2. Em sua forma geral ele é o **ecossistema integral da língua**, também chamado de **comunidade linguística**.

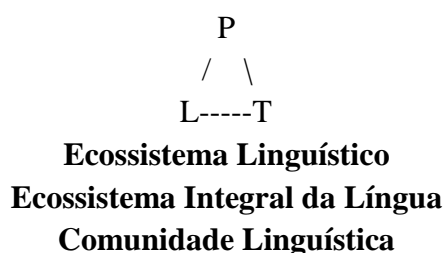


Fig. 2

Esse ecossistema é chamado de integral porque é uma porta de entrada para a **visão ecológica de mundo** (VEM), proposta Capra (1995), entre outros. De acordo com os ecolinguistas dinamarqueses Bang & Døør (2015) e alguns filósofos da linguagem, ultrapassado esse umbral encontramos três sub-ecossistemas linguísticos em seu interior. Trata-se do **ecossistema natural**, do **mental** e do **social**, como tem sido mostrado em diversas publicações (COUTO, 2015; 2016a; COUTO, 2017b). Esses três ecossistemas estão representados na figura 3.

ECO-REBEL

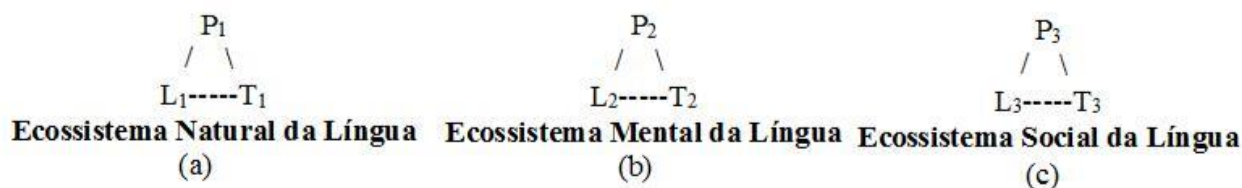


Fig. 3

No ecossistema natural, a língua (L₁) aparece como fenômeno de natureza biológica, sonora, paralinguística, proxêmica, cinésica etc., usada por pessoas (P₁) de carne e osso, com nomes próprios, vivendo em um lugar específico, seu território físico (T₁). O **meio ambiente natural da língua**, ou seja, o *locus* das interações linguísticas concretas é constituído por P₁ em T₁. Encarada como fenômeno mental, a língua (L₂) é constituída pelas conexões neurais que constituem o cérebro em funcionamento, isto é, a mente, representada por P₂. O *locus* dessas interações, seu “território” (T₂), é o cérebro. Nesse ecossistema, P₂ em T₂ constitui o **meio ambiente mental da língua**. Por fim, temos o ecossistema social da língua, em que L₃ representa a língua como fenômeno social, P₃ está para a coletividade (a totalidade dos indivíduos como seres sociais), e T₃ está para a sociedade, o *locus* das interações dos membros da coletividade. Aqui, P₃ em T₃ constituem o **meio ambiente social da língua**. Enfim, a língua não é só social nem só mental; ela tem também um lado natural, ou seja, ela é biopsicossocial. Por isso, quando se fala em “meio ambiente da língua” é preciso ter em mente que ela está associada a três “meios ambientes”, o natural, o mental e o social. É preciso também estar ciente de que “relação entre língua e meio ambiente”, como proposta por Haugen (1972), não é o mesmo que a “relação entre um organismo e seu meio ambiente”. Este é uma coisa (animal ou planta) que se relaciona com seu meio, ao passo que a língua é interação, não uma coisa. Logo, “meio ambiente da língua” significa o lugar em que se dão as interações que a constituem, que é de natureza tripla, como acabamos de ver.

Os componentes do ecossistema da figura 2 supra estão sem índices para representar o fato de ele ser o ecossistema linguístico geral, chamado de ecossistema integral da língua por integrar os três outros em seu seio. Vimos ainda na figura 2 que ele pode ser chamado também de comunidade linguística. Pois bem, a comunidade nesse sentido pode ser encarada como comunidade de língua e como comunidade de fala. **Comunidade de língua** equivale aproximadamente ao ecossistema biológico chamado bioma. Portanto, seus limites estão dados independentemente do observador. Assim, a comunidade de língua portuguesa compreende Portugal, Brasil, Angola, Moçambique, Cabo Verde, Guiné-Bissau, São Tomé e Príncipe e Timor Leste, independentemente dos linguistas. A **comunidade de fala**, por seu turno, se aproxima do ecossistema biológico prototípico, aquele que é delimitado pelo ecólogo. O linguista, ou melhor, o ecolinguista pode delimitar o Brasil como o ecossistema linguístico que vai investigar, ou o estado do Rio de Janeiro ou um bairro seu, como a Rocinha. O que é mais, pode delimitar um quarteirão desse bairro e até uma família como o ecossistema linguístico de seu interesse. Nos dois últimos artigos supramencionados há muito mais discussão sobre o assunto. Em Couto

(2016b) temos o mais detalhado tratamento do conceito de comunidade de fala já apresentado no contexto da linguística ecossistêmica.

Uma vez dentro do ecossistema integral da língua, pode-se estudar praticamente todo e qualquer fenômeno linguístico, pois a linguística ecossistêmica encara seu objeto de modo holístico. Isso não significa que o linguista ecossistêmico seja onisciente, mas que sua disciplina pode se dedicar não só ao que os analistas do discurso têm chamado de “exterioridade da linguagem” (exoecologia linguística) mas também ao que qualificam como “interioridade da linguagem” (endoecologia linguística). É claro que cada investigador individual tem que fazer um recorte, porém, ele não se esquece nunca de que o fez e que, assim que puder, retorna à visão ecológica de mundo (VEM) a fim de avaliar os resultados parcelares obtidos. Outros recortes podem ser feitos por colegas que seguem a VEM. Por exemplo, alguns ecolinguistas podem se dedicar a questões de **exoecologia linguística**, como bi-/multilinguismo, contato de línguas, ecologia da evolução linguística e até a análise de discursos, no caso feita pelo sub-ramo da linguística ecossistêmica chamado **análise do discurso ecológica/ecossistêmica (ADE)** (COUTO, COUTO, BORGES, 2015). Outros podem cuidar de questões da **endoecologia linguística**, que ainda está engatinhando. No entanto, o que se faz em linguística neurocognitiva (LAMB, 2000), já é um bom começo. Enfim, a ecolinguística em geral é multimetodológica; pode se valer do auxílio de qualquer metodologia, contanto que possa avaliar os resultados obtidos da perspectiva da VEM. Em Couto (2016a) encontram-se muitas sugestões de estudos endoecológicos, ou seja, de fenômenos “estruturais”.

4. O que vem a ser ecossistema cultural?

Antes de falar de ecossistema cultural é importante averiguar o que vem a ser **cultura**. A palavra é derivada do verbo latino *cólere* (cultivar, plantar), via particípio passado *cultus*. Até hoje no Brasil rural se ouve a expressão "terra de cultura", para terra boa para plantar. Marco Túlio Cícero (106–43 a.C), usando a metáfora agrícola, falou em *cultura animi*, algo como "cultura do espírito", com a intenção de distinguir a parte espiritual dos humanos como algo "superior" à mera materialidade, ideia antropocêntrica que persiste até hoje em algumas acepções da palavra “cultura”. Nesse sentido, diversos antropólogos têm tentado definir o termo desde pelo menos final do século XIX, como Lewis H. Morgan (1818-1881) e Edward B. Tylor (1832-1917). Tylor disse em seu clássico *Primitive culture* (1871) que cultura é "a complexa totalidade que inclui conhecimento, crenças, artes, moralidade, lei, costumes e qualquer outra capacidade ou hábito adquirido pelo homem como membro de uma sociedade". Portanto, para ele "cultura" está exclusivamente no nível mental e no social, é a *cultura animi*. Outros autores incluíram a "cultura material", sobretudo quando começaram a fazer pesquisas etnográficas, caso do antropólogo americano Leslie White. A cultura material incluiria o artesanato, a tecnologia, a arquitetura e a arte em geral, entre outras. A definição do dicionário *Aurélio*, também inclui a dimensão material, como se vê no termo "materiais" da definição de que cultura é "o complexo dos padrões de comportamento, das crenças, das instituições e doutros valores espirituais e materiais transmitidos coletivamente e característicos de uma

sociedade". Para uma visão panorâmica da antropologia cultural, pode-se consultar Stagl (1974).

Para as finalidades do presente ensaio, cultura pode ser tida como tudo que faz parte do acervo de um povo, mas que não pertence exclusivamente à natureza, embora isso não signifique que cultura se oponha a ela. Na verdade, natura existe sem cultura, mas cultura não existe sem natura. Bookchin (1993) diz que a cultura é uma “segunda natureza”, dependente da “primeira natureza” e sobreposta a ela. Cultura é de natureza semiótica, sobretudo nos termos da semiótica de Peirce (1972): tudo que se encontra no contexto de determinado povo e representa algo para ele. Essa é a concepção implícita em Eco (1974). De certa forma, cultura é constituída de signos (indiciais, icônicos e simbólicos), organizados em códigos. Vale dizer, cultura é linguagem, de que a linguagem chamada língua faz parte.

Com isso, podemos tentar dar uma conceituação de **ecossistema cultural**. Trata-se da totalidade dos signos e sistemas de signos (C) de determinada comunidade, ou seja, tudo que é compartilhado por seus membros (P) convivendo em determinado lugar (T), tanto no nível material como no imaterial. Por ser compartilhado, tem valor social e pode eventualmente ser usado em atos de interação comunicativa. O primeiro de todos os ingredientes da cultura é a língua. Mas aí entram também os gestos, as crenças, os usos e costumes, os artefatos, incluindo-se as casas, os monumentos, as ferramentas e muito mais. Eco (1974) apresenta um conspecto relativamente detalhado do ecossistema cultural, embora sem usar o termo. Como se pode ver na figura 4, a representação do ecossistema cultural é homóloga à do ecossistema linguístico apresentado na figura 2, acima.

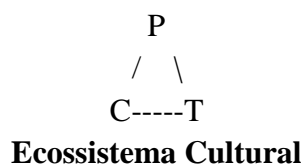


Fig. 4

Esse tripé deve ser lido da seguinte forma: para que haja uma cultura (C) é necessário que preexista um povo (P) convivendo em determinado lugar, que é seu território (T). O C no caso, ou seja, a cultura, seria tudo que P fez, faz ou fará. No "fez" está o acervo guardado (material e imaterial) na memória e que garante a identidade do grupo. No "faz" estão os padrões de ação, no como os membros de P lavram a terra, plantam, colhem, enfim, os modos tradicionais de agir, inclusive de comunicar. Tanto que uma das primeiras definições anglo-saxônicas de cultura foi a de que ela é "the ways of a people" (os modos [de se comportar] de um povo). No "fará" estão os planejamentos e investimentos para o futuro, como a educação dos jovens, por exemplo. Para falar com Santo Agostinho (354-430a.C.), a cultura (o presente) inclui o passado (a memória) e o futuro (as expectativas).

Como já vimos, o ecossistema cultural como um todo vem sendo discutido há já um certo tempo por autores como Eco (1974) e Preziosi (1977), entre muitos outros. No contexto

do que viria a ser a linguística ecossistêmica, eu venho incluindo a língua em um contexto cultural mais amplo desde Couto (1981), usando "L" de "linguagem" em geral no lugar de "C" de "cultura". Por esse motivo, língua ficou representada por l_1 , ao lado dos demais sistemas de signos culturais, ou seja, das demais linguagens, que seriam l_2, l_3 até l_n . Assim, l_2 , poderia ser o conjunto de regras culturais de comportamento, como as regras interacionais (COUTO, 2002); l_3 seria a linguagem do sistema jurídico; l_4 corresponderia à linguagem do trânsito e assim por diante. Em Couto (1981), eu falava em "cultura como um conjunto-universo de códigos. Cultura foi vista como "um sistema de signos", no contexto da Gramática estratificacional, atualmente chamada de linguística neurocognitiva (LAMB, 2000). Entre os componentes da cultura, mencionavam-se as estruturas conceituais, as atividades, os grupos sociais, os papéis e padrões comportamentais, as taxonomias (botânicas, zoológicas, topográficas etc.) e a língua. Em Couto (2017a), o assunto foi retomado no contexto da formação e transformação das línguas pidgins e crioulas, já com um pendor para a ecolinguística.

Como se pôde ver, a cultura foi tomada como uma macrolinguagem, que compreendia a linguagem chamada língua, de uma perspectiva semiótica, ou seja, da perspectiva dos signos que formam as diversas linguagens. Daí o uso da palavra "código", como designação do todo, ou seja, a linguagem que unifica os diversos grupos de signos culturais em um todo. Foi mostrado que essas linguagens podem ser multissígnicas, ou seja, conter uma quantidade quase imensurável de signos, como a língua, e até unissígnicas, como uma pedrinha que ficava em cima da mesa do professor antigamente, e que podia ser pega por qualquer aluno que desejasse ir ao banheiro, sem pedir licença ao professor. Se a pedrinha não estivesse lá, teoricamente ninguém podia ir ao banheiro. Tratava-se de uma linguagem (código) que constava de um único signo. Entre os dois extremos, temos os mais variados tipos de linguagem/código, compreendendo quantidades as mais variadas de signos.

Podemos encarar o ecossistema cultural de mais de uma perspectiva. De uma delas, podemos dizer que ele consta de cultura imaterial e cultura material. Como o próprio nome já sugere, a **cultura material** inclui tudo que é de natureza física, como os artefatos, as casas, os edifícios, os monumentos, as cidades, as esculturas, as roupas, os garfos etc. A **cultura imaterial**, por seu turno, açambarca tudo que caracteriza determinado povo, mas que não seja de natureza física. É o caso da língua, das tradições, das festividades, dos modos de comportamento etc. De acordo com uma perspectiva que privilegia a língua, temos, por um lado, a língua e, por outro, objetos, fatos ou fenômenos. Os objetos/fatos podem ser (a) físicos (naturofatos, artefatos), (b) mentais (mentefatos) ou (c) sociais (sociofatos).

Gostaria de salientar que, da perspectiva ecossistêmica aqui adotada, a distinção "cultura material x cultura imaterial" é interessante uma vez que implica que há um entrelaçamento entre elas. O que é mais, o termo "imaterial" é derivado de "material" mediante a adjunção do prefixo *in-*, o que está em sintonia com a asserção de que cultura vem de natura. Isso está também em sintonia com a tese do filósofo da linguagem e ecolinguista alemão, Peter Finke, e do proponente da ecologia social, Murray Bookchin. Mas, quem comparou explicitamente as inter-relações entre ecossistema cultural e

ecossistema linguístico foi Trampe (2002), dando continuidade à proposta original de Finke (2001).

A **língua** é o componente mais importante da cultura de um povo, abrangendo a maior parte dela, como se pode visualizar na figura 5 abaixo. Os **naturofatos** associados à cultura de determinada comunidade compreendem tudo que pertence à natureza física, mas que tem algum valor simbólico para seus membros. Um dos casos mais conhecidos é o Monte Fuji, a cem quilômetros de Tóquio, considerado um símbolo do Japão. Qualquer pessoa que tenha um mínimo de informação, ao vê-lo saberá que está nesse país, pois o monte se encontra nele. O Pão de Açúcar é um símbolo do Rio de Janeiro e, até certo ponto, também do Brasil. O canguru é um símbolo da Austrália. Dizem que os finlandeses têm cerca de sete símbolos nacionais que são seres da natureza. O panda-gigante da China parece ser outro exemplo. Para aplacar a reação dos naturófobos (aqueles que têm horror a associar fenômenos humanos/sociais a fenômenos naturais), podemos recorrer ao signo indicial de Peirce (1972: 115-134). De acordo com ele, o signo indicial (por oposição ao icônico e ao simbólico) se refere à coisa referida por estar naturalmente associado a ela. É o caso do conteúdo pelo continente (como o Monte Fuji e o Pão de Açúcar), e vice-versa, da parte pelo todo ("braço" por "trabalhador"), e vice-versa, da seta indicando determinada direção etc. Talvez seja um exagero incluir aqui os sete presumíveis naturofatos finlandeses, pois os naturofatos precisariam ser reconhecidos inclusive pelos não finlandeses.

Entre os **artefatos** mais conhecidos de algumas culturas do mundo poderíamos mencionar, em um nível macro, a Muralha da China, a Torre Eiffel, a Torre de Pisa, o Cristo Redentor e a Estátua da Liberdade. No caso específico da cultura brasileira, temos ainda artefatos culturais como a cuíca, o berimbau, as estátuas em geral, os quadros de pintura, o formato das casas, a vestimenta, enfim, praticamente tudo que pertence ao que foi chamado de cultura material. Eu não tenho muita coisa a dizer sobre os **mentefatos**. No entanto, fenômenos como sensação, percepção/percepto, imaginação, memória, cognição/conceito e outros parece pertencerem a esse domínio, uma vez que todos eles são de natureza mental. Há também os de natureza emocional, como prazer, dor, excitação, amor/ódio, emoção, *stress*/depressão, irritação, alegria membros etc., além dos de natureza volitiva como vontade, desejo, pulsão, enfim, as volições e nolições. Gaio (2017) fornece mais alguns exemplos de mentefatos.

Os **sociofatos**, por seu turno, constituem a esmagadora maioria dos dados da cultura, sendo que para alguns antropólogos ela seria constituída só de sociofatos. De qualquer forma, gostaria de mencionar as **regras culturais** ou comportamentais. Elas podem complementar as **regras interacionais** da linguística ecossistêmica, o que significa que podem ser usadas nos atos de interação comunicativa. Na verdade, todo e qualquer elemento da cultura de um povo pode ser usado na interlocução entre quaisquer dois de seus membros. Apesar de algumas das primeiras definições de cultura incluírem apenas os sociofatos, acabamos de ver que não podemos deixar de lato os mentefatos nem os naturofatos.

É importante ressaltar que o ecossistema discutido em Couto (2016b) constituía, juntamente com as comunidades vizinhas, um **ecossistema cultural rural**. Ele se opunha

ao **ecossistema cultural urbano**, vigente nas cidades. Naquela época, de cerca de 1941 a 1957, as regiões rurais brasileiras tinham muito pouco contato com as cidades, motivo pelo qual sua língua e cultura eram bastante diferentes das respectivas variedades urbanas. Cada polo dessa oposição tinha alguma ideia do que era a outra, mas apenas uma vaga ideia. Eram mundos diferentes. O ecossistema cultural rural é centrípeto, voltado para si mesmo, pois a lide diária pela sobrevivência não dá tempo às pessoas para grandes elucubrações teóricas. O ecossistema urbano, ao contrário, é centrífugo, com habitantes de cada cidade voltados para a cidade maior (Rio de Janeiro, São Paulo etc.), e as elites desta voltadas para a Europa e os Estados Unidos. Isso a despeito de grande parte dos residentes nas cidades serem de origem rural. É importante ressaltar, porém, que o processo cultural de globalização está alterando esse quadro.

Pelo menos aparentemente, não há um "ecossistema cultural estatal", para manter o paralelo com as variedades da língua chamadas de **dialetos rurais, dialetos urbanos e dialeto estatal** (preferível a "dialeto padrão"). Isso mostra mais uma vez que a língua estatal é uma realidade artificial, abstrata, induzida das realidades linguísticas concretas pelo linguista. Não existe um ecossistema estatal que a englobe e lhe dê identidade.

Repitamos, tudo que faz parte do ecossistema cultural pode ser usado para o entendimento nos atos de interação comunicativa. No caso da comunidade de fala mencionada em Couto (2016b), elementos da natureza (naturofatos) como a *arvinha*, a *serra da Capetinga* e outros eram parte do respectivo ecossistema cultural. A primeira era um local de as crianças brincarem, ao passo que a segunda era observada para se ver se viria chuva. Enfim, praticamente todos os microtopônimos, como elementos físicos, pertenciam ao ecossistema cultural local, além do nome que tinham. Consequentemente, podiam ser usados, e eram usados, para o entendimento nos atos de interação comunicativa.

5. Inter-relações entre ecossistema linguístico e ecossistema cultural

Ja vimos que quem primeiro comparou cultura e língua de uma perspectiva ecossistêmica de modo explícito foi Wilhelm Trampe, como se pode ver em Trampe (2002) e outras publicações do autor. No entanto, implicitamente as duas já vinham sendo comparadas desde as primeiras reflexões antropológicas sobre cultura. A ideia de se compararem as duas no contexto do que viria a ser a linguística ecossistêmica, porém, recua a Couto (1981). Depois ela foi retomada e ampliada em Couto (2002). No entanto, o conceito como tal, associando explicitamente língua e cultura, foi apresentado pela primeira vez em Couto (2016b).

Que a língua é parte da cultura parece não restar a menor dúvida. Tanto que a representação do ecossistema linguístico (fig. 2) e a do ecossistema cultural (fig. 3) têm a mesma aparência. A relação entre os dois é de inclusão: o ecossistema linguístico está incluído no ecossistema cultural, é parte dele, como se vê na figura 5. Como a parte (a) da figura pode dar a entender que se trataria de uma pirâmide de três lados, não de um triângulo dentro de outro, mostro as relações entre língua e cultura também na figura de um quadrilátero dentro de outro (b). O importante são as proporções entre ecossistema cultural e ecossistema linguístico. É claro que se trata de estimativa, não de medições precisas.

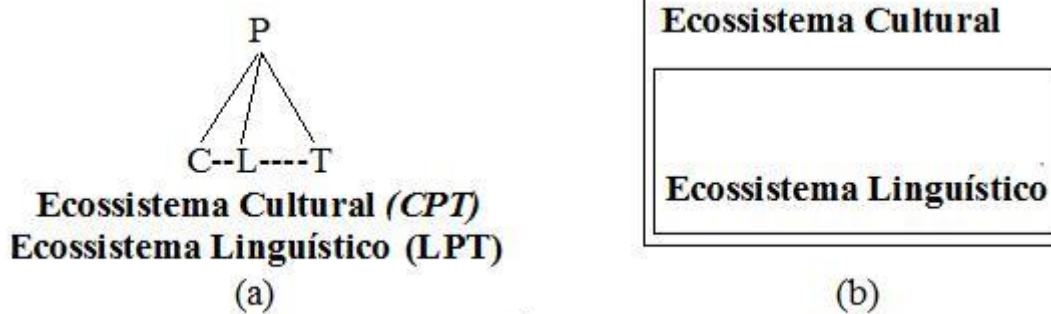


Fig. 5

A figura 5 permite vermos várias coisas. Primeiro, nota-se que o povo (P) e o território (T) dos dois são os mesmos. Segundo, a língua de um povo é parte da cultura desse povo, é parte integrante dela. Terceiro, grande parte da cultura desse povo é de natureza linguística. Tanto que a maior parte do triângulo do ecossistema cultural é ocupada pelo ecossistema linguístico. Quarto, tanto um como outro ecossistema são de natureza semiótica. Quinto, a língua poder ser veículo de cultura, ou seja, além de ser parte dela, pode manifestá-la também. Sexto, há uma parte da cultura que fica fora do domínio da língua, justamente a composta pela maioria dos sociofatos, mas praticamente por todos os naturofatos e os artefatos. Cultura e língua são constituídas de representações, fato que nos leva imediatamente à questão dos índices, dos ícones e dos símbolos de Peirce (1972). A única diferença entre ecossistema linguístico e ecossistema cultural, se é que se pode falar em diferença, consiste em que o ecossistema cultural tem, no lado língua (L), o C de cultura. Entretanto, isso não é problema. Ambas são de natureza semiótica. Como vimos acima, cultura é também linguagem. Tanto que ela já foi representada por L, e a língua por l_1 , ou seja, o componente número um da cultura, sendo os demais l_2 , l_3 etc. Já vimos também que l_2 poderia ser, por exemplo, as **regras culturais**, de que as **regras interacionais** do ecossistema linguístico fazem parte. Além disso, e talvez em consequência disso, há uma parte da cultura que fica fora do domínio da língua. No entanto, como se pode ver nos exemplos dados abaixo, as regras culturais podem ser usadas em atos de interação comunicativa. Aliás, todo e qualquer item da cultura de um povo pode ser usado neles.

Embora língua e cultura (ecossistema linguístico e ecossistema cultural) estejam inextricavelmente entrelaçadas, um povo pode perder a língua sem perder totalmente a cultura, tanto que parte da última fica fora do domínio da primeira. Isso ocorreu com muitos grupos de ciganos, como os calons do Brasil, os judeus no Leste Europeu e na Península Ibérica e muitos grupos indígenas etc. No entanto, é impossível perder a cultura e manter a língua, uma vez que é impossível perder o todo sem perder suas partes. Um povo (P) pode perder também o território (T), como aconteceu com muitos nômades, como os próprios judeus, os ciganos e outros, mas sobreviver como uma cultura mutilada, não prototípica, ancorada ou até escorada no T de outro P. O que a cultura não pode perder é a população (P), pois a cultura só existe como hóspede dela, assim como a língua também o é. Mufwene (2001) chega a afirmar que a língua é uma espécie parasita (epífita)

da população. Sem povo não há cultura nem língua. Em suma, território é o hospedeiro da população, que é hospedeira da cultura e da língua.

Áreas culturais podem conter em seu interior mais de uma língua, caso em que teríamos **bilinguismo** ou **multilinguismo**. Na Suíça, por exemplo, são faladas quatro línguas (alemão, francês, italiano e engadino), mas os padrões culturais do país são aproximadamente os mesmos. O mesmo se pode dizer de Quebec, no Canadá, em que se falam francês e inglês em um mesmo contexto cultural. Na região do Parque Indígena do Xingu são faladas diversas línguas, mas os povos que nele se encontram compartilham muitos traços culturais, até mesmo antes da formação do Parque. Pode ocorrer o contrário também, ou seja, falantes de uma língua estarem envolvidos em mais de uma cultura, caso em que teríamos **biculturalismo** ou **multiculturalismo**.

Um caso interessante de relação entre língua e cultura é o de uma família brasileira, por exemplo, que tenha um membro surdo em seu seio. Mesmo que o surdo não fale português, ele compartilha muito da cultura com os parentes ouvintes. Tanto que interage com eles por meio de gestos e mímicas diuturnamente. O surdo domina praticamente tudo da cultura brasileira que é praticado no domínio doméstico. O mesmo não se daria com um chinês que tivesse aprendido o português na escola em seu país e viesse a conviver com a mesma família. Apesar de aparentemente "falar português", pelo menos no início ele terá muita dificuldade na interação com os membros da família, pois não está familiarizado com os padrões culturais locais. Isso mostra que as regras interacionais e as regras culturais são mais importantes numa interação comunicativa do que exclusivamente as regras sistêmicas (estrutura, gramática). Para se comunicar bem em determinada língua não basta dominá-la e ser capaz de formar frases gramaticais *ad libitum*. Isso é importante, mas apenas como auxiliar dos dois outros tipos de regras (interacionais e culturais). A interação fica muito mais difícil se o chinês for monoglota em chinês. Tratar-se-ia de uma situação muito diferente do surdo monoglota em LIBRAS. Retomemos a questão de signos culturais extralinguísticos que podem ser usados na interação comunicativa. Pensemos no caso de alguém que estivesse indo de avião da Europa para o Japão. A certa altura ele pergunta a quem está sentado na poltrona junto à janela se já estão chegando. Se essa pessoa olhar pela janela e disser "Já estou vendo o Monte Fuji", estará dizendo algo como "Sim, já estamos chegando no Japão", pois esse monte é parte integrante desse país. Quem o vê sabe que está no Japão. O mesmo se poderia dizer de alguém chegando ao Rio e dissesse que já está vendo o Cristo Redentor. No primeiro caso teríamos um dado cultural do domínio dos naturofatos sendo usado em um ato de interação comunicativa; no segundo, um artefato, na mesma função.

As relações entre língua e cultura são de fundamental importância no ensino e na aprendizagem de línguas estrangeiras. Não basta aprender livrescamente a nova língua e se tornar capaz de formar frases gramaticais. As regras culturais e as regras interacionais são mais importantes do que as regras sistêmicas (gramática). Na seção seguinte abordarei esse assunto, mesmo que apenas perfunctoriamente.

6. Ecossistema cultural e aprendizado de línguas estrangeiras

O fato de os especialistas em linguística aplicada e em tradução enfatizarem tanto a questão cultural não é por acaso. Eles se veem frente não apenas à questão do bilinguismo e à do multilinguismo. Para eles é de fundamental importância a consciência e um certo conhecimento também do multiculturalismo. Os tradutores, por exemplo, têm que se haver com a interculturalidade. Até mesmo no nível comunitário os povos estão enfatizando o fato de que ser multicultural é ser mais pujante. Um país monocultural é muito mais pobre culturalmente do que um país multicultural. Se na ecologia a diversidade biológica é riqueza, o mesmo se dá na ecologia humana e na social, ou melhor, no ecossistema cultural. Quanto mais diversidade cultural, mais riqueza cultural. Por esses e outros motivos, não basta aprender uma segunda ou mais línguas. É preciso aprender também pelo menos quais são os naturofatos, artefatos, mentefatos e sociofatos mais importantes, bem como os padrões de comportamento mais apropriados nas diversas situações, quais deles são mais comuns nos atos de interação comunicativa. Por exemplo, quem estuda uma língua pelo livro em seu país natal e vai para o país em que a língua que aprendeu é falada pode ter sérios problemas se não conhecer as regras interacionais e as regras culturais associadas a essa língua. Certa feita um brasileiro que se encontrava em uma mesa de refeição com seus anfitriões na Inglaterra disse a um deles *Do you pass this to me?* (você me passa isto?). O inglês achou que o brasileiro não fora polido, pois, na sua língua é obrigatório incluir o *please* (por favor). No Brasil, a entoação interrogativa tem a mesma função do "por favor", mas na Inglaterra não. Vale dizer, pela enésima vez, não basta adquirir regras sistêmicas que permitam formar frases gramaticais.

Uma outra situação me foi relatada por Clea Rameh, brasileira que ensinou português em Washington, EUA, por muitos anos. Sua experiência mostrou que às vezes é bom o estrangeiro não falar a língua local exatamente como os nativos, sem dominar as regras culturais e as regras interacionais no mesmo nível. Se ele cometer alguma gafe cultural, será perdoado pelos nativos por perceberem pelo sotaque que ele é estrangeiro. No entanto, se ele falar a língua como eles, poderá ser até agredido diante da transgressão de alguma regra cultural, pois o considerarão como sendo do local, portanto, deveria saber "como se comportar socialmente". Enfim, no aprendizado de línguas estrangeiras língua e cultura têm que andar de mãos dadas.

7. Observações finais

Como vimos no lugar apropriado, ecossistema cultural se refere a tudo que tem valor sógnico (simbólico) para determinado povo (P). Se tem valor sógnico (semiótico) é linguagem. Não se trata de cultura no sentido de quem diz que fulano tem "cultura", é "civilizado", como faziam os gregos, para os quais "civilizados" eram eles; todos os demais povos eram "bárbaros". Tanto que a palavra "bárbaro" tem valor onomatopaico, indicando aquele que "não fala", apenas faz "br.br.br". Quem "falava" (tinha língua) eram só os gregos. Os demais "não falavam" porque os gregos não os entendiam.

A expressão "língua de cultura" é altamente preconceituosa, pois refere-se às línguas que têm uma "grande" literatura, como grande parte das línguas europeias. Para os gregos a única "língua de cultura" era o grego. Contrapondo-se a essa visão, o líder africano e ex-presidente da Guiné Ahmed Sékou Touré (1922-1984) afirmou que na África as línguas

de cultura são as línguas africanas, uma vez que são elas que expressam as culturas africanas. Essa asserção está inteiramente certa e em sintonia com as concepções de cultura comentadas acima. Todas as línguas africanas estão inseridas em um ecossistema linguístico que, por sua vez, está inserido em um ecossistema cultural. Existem diversos grupos étnicos na África, cada um deles com sua própria língua, inserida em sua própria cultura. Há algumas exceções, no entanto, como os pigmeus, que praticamente já perderam a língua, além de outros povos, como os cassangas na Guiné-Bissau. A causa disso tem sido geralmente a invasão dos colonizadores europeus, que perturbaram a ecologia cultural e a ecologia linguística local.

Referências

- BANG, Jørgen Chr.; DØØR, Jørgen. *Ecolinguística: um enquadramento conceitual*. Ecolinguística: revista brasileira de ecologia e linguagem (ECO-REBEL) v. 1, n. 2, 2015, p. 65-81. Disponível em: <http://periodicos.unb.br/index.php/erbel/article/view/16527/11770> (acesso: 01/11/2015).
- BOOKCHIN, Murray. What is social ecology? In: Zimmermann, M. E. (org.). *Environmental Philosophy: From Animal Rights to Radical Ecology*. Englewood Cliffs, NJ: Prentice Hall, 1993.
- CAPRA, Fritjof. *Sabedoria incomum*. São Paulo: Cultrix, 1995, 10ed.
- COUTO, Hildo Honório do. 1981. Semiótica da cultura e tradução. In: Mattos, Delton de (org.). *Estudos de tradutologia I*. Brasília: Kontakt, p. 9-32.
- _____. *Anticrioulo: manifestação linguística de resistência cultural*. Brasília: Thesaurus, 2002.
- _____. Linguística ecossistêmica. *Ecolinguística: Revista Brasileira de Ecologia e Linguagem ECO-REBEL*, v. 01, n. 01, 2015, p. 47-81. Disponível em: <http://periodicos.unb.br/index.php/erbel/article/view/15135/10836> (10/12/2015)
- _____. Estudos gramaticais à luz da linguística ecossistêmica. *Scripta* v. 20, n. 38, 2016a, p. 26-53. Disponível em (20/11/2016): <http://periodicos.pucminas.br/index.php/scripta/article/view/P.2358-3428.2016v20n38p26>
- _____. Comunidade de fala revisitada. Disponível em: http://periodicos.unb.br/index.php/erbel/article/view/20035_2016b (acesso: 20/12/2016).
- _____. *Contato interlinguístico: da interação à gramática*, 2017a. Disponível em: <http://www.ecoling.unb.br/images/contato-interlinguistico.pdf> (acesso: 20/10/2017), 2ª ed. (1ª ed., 1999).
- _____. Linguística ecossistêmica: um novo modo de estudar os fenômenos da linguagem. In: COUTO, Elza; DOURADO, Zilda; SILVA, Anderson; AVELAR FILHO, João (orgs.). *Linguística ecossistêmica: 10 anos de ecolinguística no Brasil*. Campinas: Pontes, 2017b, p. 21-43.
- _____; COUTO, Elza; BORGES, Lorena. *Análise do discurso ecológica (ADE)*. Campinas: Pontes, 2015.
- ECO, Umberto. *A estrutura ausente*. São Paulo: Perspectiva, 1974.

ECO-REBEL

- FINKE, Peter. Identity and manifoldness: New perspectives in science, language and politics. In: FILL, Alwin & Peter MÜHLHÄUSLER (orgs.). *The ecolinguistics reader*. Londres: Continuum, 2001, p. 84-90.
- GAIO, Mario Luis Monachesi. *Etnicidade linguística em movimento: os processos de transculturalidade revelados nos brasileiro-italos do eixo Rio de Janeiro-Juiz de Fora*. Niterói: Universidade Federal Fluminense, Tese de Doutorado, 2017, 318p.
- HAUGEN, Einar. *The ecology of language*. Stanford: Stanford University Press, 1972, p. 325-339. Também em COUTO ET AL. *O paradigma ecológico para as ciências da linguagem*. Goiânia: Editora da UFG, 2016, p. 57-75.
- LAMB, Sydney M. Neuro-cognitive structure in the interplay of language and thought. In: PÜTZ, Martin; VESPOOR, Marjolijn H. (orgs.) *Explorations in linguistic relativity*. Amsterdam: Benjamins, 2000, p. 173-196.
- MUFWENE, Salikoko. *The ecology of language evolution*. Cambridge: Cambridge University Press, 2001.
- NEVES, Walter. *Antropologia ecológica*. São Paulo: Cortez Editora, 1996.
- PEIRCE, Charles Sanders. *Semiótica e filosofia*. São Paulo: Cultrix, 1972.
- PREZIOSI, Donald. Toward a relational theory of of culture. In: *The Third LACUS Forum*. Columbia, S.C.: Hornbeam Press, 1977, p. 278-286.
- STAGL, Justin. *Kulturanthropologie und Gesellschaft*. Munique: List Verlag, 1974.
- TRAMPE, Wilhelm. Ökologische Linguistik und Humanökologie. In: FILL, Alwin; Hermine PENZ & Wilhelm TRAMPE (orgs.). *Colourful green ideas*. Berna: Peter Lang, 2002, p. 89-101.

Recebido: 25/10/2017.

Reformulado: 28/12/2017.

Aceito: 07/01/2018.

Ecolinguística: Revista Brasileira de
Ecologia e Linguagem (ECO-REBEL), v. 4, n. 1, 2018.